

THE UMBRELLA ACADEMY E AS REPRESENTAÇÕES DA DÉCADA DE 1960 NOS ESTADOS UNIDOS

THE UMBRELLA ACADEMY AND THE REPRESENTATIONS OF THE 1960S IN THE UNITED STATES

MARCOS SORRILHA PINHEIRO

*Professor Assistente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da UNESP-Franca.
 Doutor, Mestre e Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.*

RESUMO

The Umbrella Academy (2007) é uma série de quadrinhos idealizada por Gerard Way e ilustrada pelo brasileiro Gabriel Bá, lançada pela Dark Horse Comics. Em 2019, essa obra gráfica foi transformada em uma série televisiva pela Netflix, que até o momento evoluiu para quatro temporadas. Este capítulo se propõe a examinar exclusivamente a segunda temporada, ambientada no alvorecer da década de 1960. É notório que os anos sessenta foram palco de eventos cruciais para a história dos Estados Unidos, destacando-se: a luta pelos direitos civis, o conflito no Vietnã, o movimento de contracultura e a Guerra Fria. Esses marcos históricos capturaram posteriormente o olhar de Hollywood em suas narrativas filmicas. No contexto da adaptação realizada pela Netflix, busca-se compreender como tais episódios são evocados pela série e de que forma contribuem para enriquecer o repertório cultural e a memória histórica daquele período.

Palavras-chave: The Umbrella Academy; Direitos Civis; Contra Cultura; História e Memória.

ABSTRACT

The Umbrella Academy (2007) is a comic book series conceived by Gerard Way and illustrated by Brazilian artist Gabriel Bá, released by Dark Horse Comics. In 2019, this graphic work was adapted into a television series by Netflix, which has since evolved into four seasons. This chapter aims to exclusively examine the second season, set at the dawn of the 1960s. It is well known that the sixties were a stage for pivotal events in United States history, including the civil rights movement, the Vietnam War, the counterculture movement, and the Cold War. These historical milestones later captured Hollywood's attention in its film narratives. In the context of Netflix's adaptation, this study seeks to understand how such events are evoked by the series and how they contribute to enriching the cultural repertoire and historical memory of that period.

Keywords: The Umbrella Academy; Civil Rights; Counterculture; History and Memory.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 ALISSON E OS DIREITOS CIVIS; 2 KLAUS, A CONTRACULTURA E O VIETNÃ; 3 THE UMBRELLA ACADEMY E O ASSASSINATO DE KENNEDY; 4 A CORRIDA ESPACIAL E A GUERRA FRIA; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

The Umbrella Academy é uma série de quadrinhos criada por Gerard Way e ilustrada pelo brasileiro Gabriel Bá, publicada pela *Dark Horse Comics*. O primeiro arco da série, intitulado *The Umbrella Academy: Apocalypse Suite*, foi lançado em 2007 e recebeu várias premiações, entre elas o *Eisner Award* de 2008¹. Composta por seis edições, a trama se passa em 1989, quando o leitor é informado de que, naquele ano, quarenta e três crianças nasceram inexplicavelmente de mulheres que não apresentavam sinais de gravidez no início do dia. Sete dessas crianças foram “adotadas” por um senhor de nome Reginald Hargreeves, um excêntrico bilionário, com o objetivo de convertê-las em uma equipe de super-heróis. Assim nascia a *Umbrella Academy*².

O grande mérito do quadrinho está em não focar apenas na jornada de formação dos heróis, mas, sim, na interação dos personagens enquanto membros de uma família disfuncional de super-humanos que lutam contra ameaças apocalípticas, ao mesmo tempo em que lidam com suas próprias questões pessoais e familiares complexas. Como explicam Carmel Cedro e Blair Speakman, em uma análise sobre o papel do trauma na série,

The Umbrella Academy contém muitos dos mesmos feitos exemplificados e esperados em narrativas de super-heróis contemporâneos — vigilância, sacrifício, responsabilidade —, mas utiliza esses elementos para demonstrar como o modelo tradicional de um super-herói pode ser interrompido. [...] Seus heróis são retratados lidando com problemas de custódia e divórcio, rivalidade e conflito entre irmãos, questões de dependência, ansiedade e depressão, bem como elementos identificáveis de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (Cedro; Speakman, 2022, p. 183)³.

Após o sucesso da primeira edição, a HQ ganhou uma continuação imediata, intitulada *The Umbrella Academy: Dallas*, lançada em 2008. Organizada em seis edições, o roteiro dá continuidade aos eventos apresentados no final de *Apocalypse Suite*. Nessa nova aventura, o leitor aprende que os irmãos foram transportados para o passado, mais

¹ O prêmio Eisner congratula os melhores trabalhos da indústria dos quadrinhos publicados nos Estados Unidos. Há diversas categorias, como arte, roteiro, série, graphic novel, humor, adaptação, etc. *The Umbrella Academy* foi a vencedora da categoria de melhor minissérie.

² As crianças “adotadas” por Reginald Hargreeves receberam os seguintes nomes: Luther, Diego, Allison, Klaus, Cinco, Ben e Vanya.

³ Todas as traduções às citações são de nossa autoria.

especificamente para a década de 1960, no Texas. Por conta disso, em *Dallas*, a trama se aprofunda em temas como viagem no tempo e teorias da conspiração, sem deixar de lado o tortuoso desenvolvimento psicológico dos super-heróis. O ponto central da trama é o assassinato do presidente John F. Kennedy e o possível envolvimento dos personagens com o evento, justificando o título dado ao arco.

Quase uma década depois, sob o nome de *Hotel Oblivion*, um terceiro arco foi publicado. Composto por sete edições, a trama gira em torno do misterioso Hotel Oblivion, um lugar criado por Sir Reginald Hargreeves para funcionar como uma espécie de prisão dimensional destinada ao confinamento dos piores vilões que a equipe enfrentou ao longo dos anos. Ao mesmo tempo em que explora as consequências do confinamento dos prisioneiros e a ameaça que sua fuga representa para o futuro do planeta, a trama mantém o foco dos arcos anteriores, investindo no desenvolvimento dos personagens, seus desafios pessoais e as revelações que testam os laços frágeis da família.

O lançamento do terceiro arco veio acompanhado da adaptação dos quadrinhos para o *streaming*, realizada pela Netflix e lançada em fevereiro de 2019⁴. Após uma ótima recepção dos fãs (ver Flores & Medeiros, 2020, p. 15-16), outras duas temporadas foram lançadas, respectivamente, em julho de 2020 e junho de 2022. Uma quarta e última temporada tem seu lançamento previsto para o ano de 2024⁵. De maneira geral, pode-se dizer que a série de TV expande e adapta a história dos quadrinhos, mantendo-se fiel ao tom e ao estilo da obra original, mas com algumas mudanças para se adequar ao formato de série.

Neste trabalho, dedicamo-nos a analisar apenas a adaptação feita pela Netflix, mais especificamente a segunda temporada da série, situada temporalmente nos primeiros anos da década de 1960. Sabemos que os anos sessenta foram marcados por eventos decisivos para a história estadunidense e que despertaram a atenção de *Hollywood* em suas produções posteriores. Para algumas leituras conservadoras (Bloom, 1987), trata-se do momento em que a sociedade americana rompeu com seus valores tradicionais e abraçou uma perspectiva deturpada de liberdade que desencadearia na constituição de um país disfuncional. A década de 1980, marcada pela ascensão do ideário neoconservador foi prodigiosa em produtos

⁴ Os produtores da série da Netflix são Gerald Way, autor dos quadrinhos, e **Steve Blackman**, que também é um dos roteiristas e diretores da série.

⁵ Até o momento de escrita desse trabalho, a quarta temporada não havia sido lançada.

culturais que reafirmavam tal visão. Até mesmo filmes como *Forrest Gump: o Contador de Histórias*, lançado já na década de 1990, dialogam com essa perspectiva ao apresentar os anos sessenta como aqueles responsáveis por afastar as mulheres de seus “verdadeiros” papéis sociais e os homens da vontade de Deus (cf. Azevedo, 2016, p. 27).

No caso de *The Umbrella Academy*, a década de 1960 como ponto de inflexão para os desdobramentos da história estadunidense é fortemente relacionada ao assassinato do Presidente John F. Kennedy, uma vez que, caso a história não tivesse ocorrido como de fato ocorreu, uma terceira guerra mundial teria se iniciado, causando o apocalipse. A questão é saber quais “versões” do assassinato, amplamente difundidas ao longo do tempo, estavam corretas. Assim, à medida que os personagens interagem com a história, eles nos oferecem algumas leituras alternativas do evento que foram debatidas e desacreditadas ao longo do tempo.

No entanto, embora o foco esteja no assassinato do presidente, a série também mobiliza um conjunto de outros assuntos que estão relacionados com o imaginário americano sobre os anos 1960, como: os direitos civis, a guerra do Vietnã, a contracultura e a Guerra Fria. Diferente daquilo que vimos ocorrer com a filmografia da década de 1980, em *Umbrella Academy*, os temas apontam para uma afinidade maior com pautas progressistas, ressaltando o conservadorismo daquele período como algo negativo e nocivo, como veremos. De maneira interessante, cada um desses assuntos está relacionado com o desenvolvimento pessoal de um dos personagens que compõe o grupo de heróis e, embora a série ofereça uma versão dramatizada e muitas vezes fantasiosa dos anos sessenta, sua representação dos eventos e temas históricos contém decisões criativas acertadas, que respeitam alguns dos marcos estabelecidos pela historiografia. Começemos com o movimento dos Direitos Civis."

1 ALISSON E OS DIREITOS CIVIS

A segunda temporada de *The Umbrella Academy* se passa entre os anos de 1960 e 1963. O retorno no tempo é motivado pelos desdobramentos dos eventos que encerram a primeira temporada. Após provocarem um evento cataclísmico que resultou na destruição do planeta terra, os irmãos Hargreeves conseguem escapar do apocalipse ao lançarem-se

conjuntamente em uma viagem no tempo. No entanto, nem todos são enviados para as mesmas datas.

Alisson, por exemplo, chega em 1961, por volta do mês de junho. Sabemos disso pois a sequência que apresenta sua chegada ao passado nos traz a informação de que o filme *A Noite do Lobisomem* (*The Curse of the Werewolf*), lançado em 7 de junho daquele ano, está em cartaz. Ao tentar compreender o que aconteceu, Allison entra em um restaurante, causando o espanto dos frequentadores, uma vez que a personagem é uma mulher negra, interpretada pela atriz Emmy Raver-Lampman. Imediatamente, o gerente do estabelecimento aponta para uma placa que diz “apenas brancos”. Neste exato momento, a série introduz o tema da segregação racial nos EUA.

Imediatamente após o término da Guerra Civil Americana em 1865, a maioria dos estados da antiga Confederação adotou o que ficou conhecido como *Black Codes*⁶, uma série de leis que restringiam severamente os direitos e a livre organização dos afro-americanos. As *Black Codes* buscavam manter as pessoas negras sob o controle dos proprietários de terras brancos, negando-lhes o direito ao voto e criando normas de trabalho ou punições contra a “vadiagem” específicas para esse grupo.

Diante dessa realidade, no Congresso Americano, parlamentares republicanos antiescravidão aprovaram duas emendas que visavam garantir a todas as pessoas, independente de cor, segurança jurídica no acesso aos direitos. A 14ª Emenda à Constituição tratava da extensão dos direitos civis a qualquer pessoa, independentemente de etnia ou de vínculo pregresso com a escravidão. Já a 15ª Emenda expandiu os direitos políticos aos homens negros maiores de vinte e um anos, sem considerar sua condição pregressa como escravizado.

Apesar das emendas constitucionais e da legislação que aboliu a escravidão e garantiu direitos políticos aos afro-americanos, as *Black Codes* prosperaram, sendo definitivamente convertidas em lei após o julgamento pela Suprema Corte dos EUA do caso *Plessy v. Ferguson*, em 1896. Neste julgamento, a Corte considerou constitucional a segregação racial em instalações públicas ou de uso público, como vagões de trem, escolas,

⁶ Na Guerra Civil (1861 – 1865), os estados confederados eram formados pela Carolina do Sul, Mississippi, Flórida, Alabama, Geórgia, Louisiana, Texas, Virgínia, Arkansas, Carolina do Norte e Tennessee.

igrejas e restaurantes, contanto que instalações equivalentes fossem fornecidas para todas as etnias. Essa decisão estabeleceu a doutrina “separados, mas iguais”, que deu origem à era *Jim Crow* nos Estados Unidos. A partir de então, até 1910, todos os antigos estados confederados haviam promulgado leis que restringiam os direitos sociopolíticos dos afro-americanos, bem como o desenvolvimento econômico de suas comunidades. Conforme explica Natalie J. Ring em um verbete escrito para a *Jim Crow Encyclopedia*,

A era Jim Crow marcou a ascensão da supremacia branca e não consistia apenas na separação social das raças, mas de forma mais ampla incluía linchamentos e violência de turbas, manipulação do sistema de justiça, desigualdade na educação, subjugação econômica e a eliminação do direito de voto dos negros (Ring, 2008, p. 419).

Portanto, quando Allison chega ao Texas, um estado sulista que lutou a guerra civil ao lado dos Confederados, é a essa forma brutal de segregação que a personagem é introduzida. Na série, ela se une ao movimento dos direitos civis, fato que é representado pelo seu casamento com Raymond Chestnut, um ativista que lidera o Comitê de Coordenação Estudantil Não Violenta (*Student Nonviolent Coordinating Committee – SNCC*) da cidade.

Conforme sabemos, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o movimento negro, liderado pela NAACP (*National Association for the Advancement of Colored People*), passou a adotar uma estratégia de judicialização da luta antirracista, buscando vitórias nas cortes que tornassem obrigatória a ação do estado contra a segregação. O primeiro grande triunfo veio em 1954 com o julgamento pela Suprema Corte do caso *Brown v. Board of Education*. Em termos gerais, é possível afirmar que a decisão da Suprema Corte pôs fim à doutrina do “separados, mas iguais” no que dizia respeito às instituições educacionais.

Essa vitória incentivou os ativistas pelos direitos civis a buscarem novos pleitos jurídicos que obrigassem a aplicação do novo entendimento da lei a outras esferas da vida pública. O caso imediato a isso foi o famoso episódio envolvendo Rosa Parks e os boicotes aos ônibus de Montgomery, em 1º de dezembro de 1955. A estratégia utilizada pela ativista consistia em ocupar pacificamente o espaço “proibido” até que a força policial fosse acionada, dando origem a um processo legal. Por meio da judicialização do episódio, esperava-se provocar a Suprema Corte para que ela se manifestasse sobre o assunto. E foi exatamente isso o que ocorreu. No final de 1956, a Suprema Corte dos Estados Unidos declarou

inconstitucional a lei de segregação nos ônibus do estado do Alabama. Assim, movimentos semelhantes se disseminaram pelos EUA.

Especificamente quanto ao uso compartilhado de áreas comuns em restaurantes, a estratégia empregada era similar àquela utilizada por Rosa Parks, e ficaria conhecida como *sit-in*. Como no caso de Montgomery, os primeiros *sit-ins* começaram em 1955. No entanto, o primeiro a alcançar notoriedade nacional e instigar a intervenção da Suprema Corte ocorreu em Greensboro, Carolina do Norte. Conforme relata Thomas Holt em *The Civil Rights Movement: A Very Short Introduction*

Na segunda-feira, 1º de fevereiro de 1960, Ezell Blair Jr., Franklin McCain, Joseph McNeil e David Richmond, todos calouros da Universidade Agrícola e Técnica da Carolina do Norte em Greensboro, sentaram-se pacificamente no balcão de lanches da Woolworth's local. Tal ato corajoso deu início a uma nova e mais dramática etapa no movimento de ação direta, que havia começado com o boicote aos ônibus de Montgomery.

Holt esclarece que os jovens universitários tinham vivenciado o boicote de Montgomery quando ainda estavam no ensino médio e, assim como no caso de Rosa Parks,

a relevância histórica de suas ações não residia na ausência de precedentes. [...] Tais eventos refletiam um aumento da militância nas seções locais da NAACP, que frequentemente confrontavam a liderança nacional, mais conservadora da entidade' (Holt, 2023, p. 49).

Sob essa perspectiva, a escolha da série em retratar os *sit-ins*, e não os boicotes aos ônibus, como tática adotada pelo movimento dos direitos civis liderado por Raymond e Allison, revela-se perspicaz. Igualmente acertada é a representação da série, tanto na organização e planejamento quanto na execução dos eventos, destacando-se a ênfase na conduta pacífica dos participantes. Até o ano de 1965⁷, por conta da influência da luta pela independência da Índia liderada por Mahatma Gandhi, o movimento negro americano optou pela estratégia de “desobediência civil não violenta”. Assim, até mesmo o emprego dos poderes de Allison é realizado de maneira comedida ou questionado por seu parceiro,

⁷ A partir de 1966, a influência de outras correntes ideológicas e movimentos sociais que defendiam a luta armada e a revolução, como o Partido dos Panteras Negras e a emergência de novas lideranças dentro do SNCC, como Stokely Carmichael e H. Rap Brown, promoveram um rompimento da SNCC com a orientação pacifista e integracionista.

evidenciando que o objetivo não era o confronto, mas instigar, de maneira não violenta, uma reação e, com ela, uma resposta legal ao caso⁸. A ação policial é adequadamente retratada na série como desproporcional ao comportamento dos manifestantes, marcada pelo abuso de força física e pela defesa do status quo racista da época.

2 KLAUS, A CONTRACULTURA E O VIETNÃ

Dentre todos os irmãos Hargreeves, Klaus e Ben são os primeiros a serem enviados para o passado, aterrissando em Dallas no dia 11 de fevereiro de 1960. Klaus, o irmão de número quatro, possui o dom de se comunicar com os mortos e de manifestar seus espíritos. Por isso, Ben, o irmão de número seis que faleceu, mantém-se ao seu lado, já que ele só pode se comunicar através de Klaus, dado que se tornou um fantasma.

Explorando suas habilidades sobrenaturais, Klaus aproveita o período no passado, distante de sua família, para fundar a seita *Destine*, assumindo o papel de seu líder espiritual. Este grupo formado, baseava-se nas visões paranormais que ele teve sobre isso e nas canções e conjuntos relacionados ao movimento *Hare Krishna*, com os quais Klaus teve contato no futuro. Do ponto de vista cronológico, diferente do que vimos no caso dos direitos civis, esse tema parece um pouco deslocado no tempo. Embora o *Hare Krishna* tenha alcançado notoriedade nos Estados Unidos, de fato, durante os anos 60, foi só com a chegada de A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada ao país, em 1966, que o movimento se consolidou na cultura americana. Sua difusão entre os jovens ocorreu no ano seguinte, marcada pela realização do festival *Mantra Rock Dance*, na Califórnia.

De qualquer forma, o fato de a seita liderada por Klaus ser uma projeção daquilo que ele se lembrava do futuro justificaria a decisão criativa dos produtores da série. Além disso, pode-se afirmar que tanto a seita quanto o personagem Klaus não apenas simbolizam o movimento espiritual, mas, de maneira mais ampla, a contracultura americana, representada pela tentativa de se opor a um modelo de sociedade tecnocrata, fosse pela rebeldia estética, pelo uso de drogas ou pela adoção de religiões não ocidentais.

⁸ Allison Hargreeves, a número três, tem o poder de controlar a mente das pessoas com a frase “eu ouvi um rumor”.

A década de 1950 nos EUA, também conhecida como a era do consenso, foi essencial para redefinir o ideal do Sonho Americano. O crescimento econômico do pós-guerra traduziu-se em avanços no padrão e na expectativa de vida dos cidadãos. A produção em massa de bens de consumo foi impulsionada por avanços tecnológicos e pelo aumento de investimentos em empresas. Esse período testemunhou também um aumento na demanda dos consumidores, estimulado pelo crescimento demográfico acelerado (*baby boom*) e pelo incremento do poder de compra, este último viabilizado por negociações sindicais que asseguraram benefícios sociais, melhores salários, pensões e condições de saúde e trabalho. Tais conquistas desempenharam um papel vital na expansão do poder de compra da população de classe média branca.

Ao mesmo tempo, esse período é igualmente marcado por uma maior intervenção estatal com investimentos federais, tanto no setor militar quanto no civil, o que subsidiou indiretamente diversas indústrias e fomentou o desenvolvimento de infraestruturas críticas. A ampliação de empresas ligadas ao setor bélico contribuiu para a organização de um complexo militar que influenciou na expansão dos gastos militares por meio de *lobby*. Projetos emblemáticos como o Sistema de Rodovias Interestaduais transformaram a paisagem do país, facilitando o crescimento dos subúrbios e revolucionando as redes de transporte e distribuição.

Essa realidade desencadeou uma reestruturação no modelo familiar, caracterizada pelo desenvolvimento dos subúrbios, por residências unifamiliares, predominância de veículos automotores e um aumento significativo no consumismo. Como descreve Joshua Freeman (2012, p. 82) em *American Empire: The Rise of a Global Power, the Democratic Revolution at Home 1945-2000*:

durante a década de 1950, um estilo de vida floresceu vindo a ser reconhecido como a encarnação do que significava ser americano: bairros de baixa densidade e racialmente homogêneos de casas unifamiliares; automobilidade; famílias nucleares com mães que ficavam em casa; e níveis de consumo sempre crescentes. Idealizado no novo meio de comunicação da televisão em programas como 'The Adventures of Ozzie and Harriet', 'Leave It to Beaver' e 'Father Knows Best', a suburbanização tornou-se o modelo dominante de desenvolvimento por décadas a seguir.

Com o aumento da renda familiar e a garantia de uma ampla rede de benefícios trabalhistas, os filhos das famílias de classe média passaram a ter mais tempo para se dedicar aos estudos do que ao trabalho, o que resultou no surgimento de demandas específicas de um novo segmento da sociedade: a juventude. Não só as universidades se expandiram para acolher um número crescente de jovens, mas produtos culturais e de mídia começaram a ser desenvolvidos para atender aos desejos ou insatisfações dessa geração de *baby boomers*. Com o enriquecimento das famílias, as drogas tornaram-se mais acessíveis a esse público. Ao mesmo tempo, a militarização da sociedade americana e a maior participação do país em conflitos globais trouxeram um sentimento de insegurança para uma geração cada vez mais habituada a enxergar o mundo de maneira bipolar, devido à Guerra Fria, atingindo sobremaneira as camadas mais jovens da sociedade.

Essa breve caracterização dos anos de 1950, baseada no livro de Joshua Freeman anteriormente citado, serve para introduzir o contexto de surgimento da contracultura. Embora o termo “contracultura” tenha sido cunhado somente em 1968 com a publicação do influente ensaio de Theodore Roszak, *A Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*, é possível identificar as origens desse movimento já na década de 1950 com o aparecimento da geração *Beat* e as primeiras obras de Jack Kerouac. Em seus livros mais célebres, *On the Road* (1957) e *The Dharma Bums* (1958), são delineados temas como a vida em comunidade, a rejeição à idealização burocrática do trabalho, o flerte com o budismo e a recusa de um estilo de vida urbano. Isso nos leva a considerar plausível a possibilidade de existência de uma seita semelhante àquela descrita na série durante aquele período.

Outra questão abordada no arco de Klaus, que parece deslocada temporalmente em relação aos eventos históricos dos EUA, é a Guerra do Vietnã. Em dado momento da série, Klaus reencontra Dave, personagem introduzido na primeira temporada, com quem ele teve um relacionamento amoroso, durante uma viagem acidental ao passado, no ano de 1968, no Vietnã. Nesse breve (re)encontro, Klaus se depara com uma versão mais jovem do amado e tenta dissuadi-lo do desejo de servir ao exército americano.

Embora o envolvimento dos EUA com o Vietnã data do início dos anos 1960, a guerra ainda não havia assumido um papel central na consciência social americana, em parte devido à limitada presença de oficiais americanos no conflito, que eram em sua maioria

“conselheiros militares”. Foi apenas em 1965, sob a administração de Lyndon Johnson, que os EUA se envolveram ativamente no conflito, com o envio de regimentos completos. Em 1968, após a ofensiva Tet e o ataque notório à embaixada americana em Saigon, o número de soldados americanos no Vietnã atingiu o ápice, ultrapassando meio milhão. Somente então a guerra passou a ser amplamente retransmitida e questionada pela opinião pública americana.

Portanto, da mesma forma que com o movimento *Hare Krishna*, a inclusão do Vietnã na narrativa parece ser uma escolha da série para condensar vários temas marcantes da década de 1960 nos três anos em que os irmãos Hargreeves estiveram no Texas, independentemente da relevância desses temas no período. Contudo, deve-se considerar que, no imaginário americano formado nas décadas subsequentes ao conflito, a Guerra do Vietnã é frequentemente associada ao assassinato de Kennedy. Para muitos, a expansão do envolvimento dos EUA no Vietnã ocorreu devido à morte do presidente. Passemos, então, a examinar essa questão.

3 THE UMBRELLA ACADEMY E O ASSASSINATO DE KENNEDY

Em 22 de novembro de 1963, o então Presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, desfilava em carro aberto em Dallas, acompanhado pela Primeira-Dama, Jacqueline Kennedy. A visita do presidente ao Texas tinha como objetivo apaziguar as divergências dentro do Partido Democrata, com vistas à campanha presidencial do ano seguinte. Apesar de sua popularidade, Kennedy encontrara dificuldades para obter uma vitória expressiva naquele estado nas eleições de 1960. A visita foi incentivada por Lyndon Johnson, então vice-presidente e ex-senador pelo Texas. Naquele dia, Kennedy foi atingido por um disparo fatal na cabeça, que resultou em sua morte imediata (Posner, 1993). Seu óbito inspirou diversas teorias e especulações desde então.

A versão oficial do fato elaborada pela Comissão Warren, realizada em 1964, conta que no dia 22 de novembro de 1963, Lee Harvey Oswald, um cidadão americano, portando um rifle, realizou disparos do sexto andar de um prédio, tendo um deles sido responsável pelo falecimento do então presidente. Ele teria agido sozinho, motivado por questões pessoais na busca por notoriedade. A comissão também concluiu que ele era um desajustado social, com

problemas psicológicos, além de possuir simpatia pelo comunismo, tendo inclusive vivido na União Soviética por um lapso de tempo. Oswald não chegou a ser julgado, uma vez que foi assassinado dois dias depois do evento.

Apesar da versão oficial, persistem questões sem respostas, fomentando dúvidas sobre as motivações e possíveis mandantes do crime. Essas dúvidas deram origem a várias hipóteses sobre a morte do presidente. Entre elas, essas quatro: a) o crime teria sido cometido pela CIA; b) o crime teria sido cometido pela Máfia com o envolvimento do governo de Cuba; c) havia um segundo atirador responsável pelo disparo fatal; d) a morte do presidente teria sido encomendada pelo vice-presidente Lyndon Johnson (Kurtz, 2006). Em alguns desses casos, Oswald era apenas alguém que agiu segundo ordens, não sendo o idealizador do crime.

Na segunda temporada da série *The Umbrella Academy*, o assassinato do Presidente John F. Kennedy é um ponto central da trama, que entrelaça os arcos narrativos dos personagens e atua como um catalisador para os eventos narrados. Os membros da *Umbrella Academy*, dispersos no tempo desde o início da temporada, gradualmente descobrem que o assassinato do presidente pode estar ligado ao apocalipse que tentam evitar: uma terceira guerra mundial.

Ao contrário dos temas da contracultura e dos direitos civis, a série não interage apenas com os eventos históricos ou o imaginário americano sobre o período. De maneira bastante feliz, ela brinca com as numerosas teorias da conspiração em torno do assassinato de Kennedy, incorporando elementos de ficção e realidade, refletindo o fascínio que o público possui por esse evento até os dias de hoje⁹.

Por conta disso, na série, a identidade do assassino e seu mandante são secundários, preferindo explorar as complexidades da viagem no tempo e as consequências das ações dos personagens em relação ao evento, sem atribuir a responsabilidade a uma única pessoa. O personagem Cinco é um exemplo claro disso. Entre os irmãos, ele é aquele que domina o poder de viajar pelo tempo e espaço. Justamente por isso, é aquele que mesmo tendo chegado em Dallas três dias após o assassinato de Kennedy, quando presencia o fim do mundo

⁹ Filmes como *Watchmen* (2009) e a série *11.22.63* (2016), adaptação de um livro homônimo de Stephen King (2011) também trabalham com versões alternativas da morte do presidente, demonstrando que a discussão ainda segue viva e possui um amplo interesse do público consumidor.

desencadeado por uma guerra atômica entre EUA e URSS, Cinco volta para o dia 15 de novembro, quando encontra com seus irmãos, com o objetivo de não deixar que Kennedy fosse assassinado. Porém, no último episódio, curiosamente, descobre que uma versão alternativa de si mesmo havia sido contratada, sem sucesso, para matar Kennedy. Tal passagem, alude indubitavelmente à teoria dos múltiplos atiradores, mencionada anteriormente.

O possível envolvimento da máfia no assassinato de Kennedy também é destacado na trama, uma vez que um dos personagens da série, Jack Ruby, se baseia em uma figura histórica real. Na série, assim como na realidade, Ruby é retratado como um mafioso e dono de um clube noturno envolvido com apostas ilegais e jogos. Luther Hargreeves, o irmão de número 1, encontra emprego como segurança no estabelecimento de Ruby. Tendo chegado a Dallas em setembro de 1962, Luther também participa como lutador amador de boxe nas lutas clandestinas organizadas por seu chefe. No desfecho da segunda temporada, enquanto as imagens de Lee Harvey Oswald são veiculadas na televisão identificando-o como o responsável pelo assassinato de Kennedy, Ruby é visto pegando uma arma, insinuando que ele iria matar Oswald, assim como ocorreu na vida real. Segundo algumas teorias alternativas sobre o assassinato, a atitude de Ruby teria sido um caso clássico de “queima de arquivo”, com o intuito de silenciar Lee Harvey para evitar que ele revelasse seus supostos mandantes.

Ademais, as teorias que sugerem o envolvimento de organizações como a CIA ou as Forças Armadas dos EUA, também são exploradas pela série, representadas pelas entidades fictícias conhecidas como a Comissão e os *Majestic 12* (MJ-12). Na série, a Comissão, com seus líderes e funcionários, tem como função assegurar que os eventos históricos transcorram conforme determinado, o que incluiria garantir o assassinato de Kennedy. A versão alternativa do personagem Cinco fora contratada pela Comissão para assegurar que esse evento ocorresse sem maiores ocorrências.

Quanto ao MJ-12, a série se apropria das teorias da conspiração que circundam o assassinato de Kennedy para adicionar elementos de fantasia à narrativa. Na vida real, a existência do MJ-12 é defendida por teóricos da conspiração que alegam que o grupo fora criado por ordem do presidente Harry Truman, após o incidente de Roswell, em 1947. Na série, Sir Reginald Hargreeves é apresentado como sendo um dos membros do MJ-12, que

busca manipular eventos históricos para seus próprios interesses. Neste caso específico, o objetivo do grupo também era assegurar a morte de Kennedy, levando Reginald a se desvincular do MJ-12, uma vez que ele pretendia manter o presidente vivo, instruindo Cinco (em sua versão “oficial”) a proteger Kennedy.

Por último, a série faz menção à teoria do “Homem do Guarda-Chuva”, uma figura enigmática que aparece de fato nas filmagens do desfile presidencial em Dallas. Segundo demonstra a gravação do evento histórico, no momento dos tiros, o homem misterioso abre um guarda-chuva escuro, um gesto que alguns interpretaram como um sinal para os atiradores. Há teorias que sugerem que o guarda-chuva poderia ser uma arma camuflada. Em *Umbrella Academy*, o “Homem do Guarda-Chuva” é revelado como sendo ninguém menos do que o próprio Reginald Hargreeves, com o guarda-chuva simbolizando a organização que ele fundou¹⁰.

Ao deixar em aberto a identidade do verdadeiro responsável pelo assassinato de Kennedy e explorar várias possíveis teorias para o crime, a série enriquece o debate sobre as teorias alternativas do assassinato, ao mesmo passo em que avança na consolidação de seu próprio universo ficcional, repleto de versões alternativas de si mesmo.

4 A CORRIDA ESPACIAL E A GUERRA FRIA

Outro evento diretamente relacionado à década de 1960 e que aparece na série é a corrida espacial. A chegada do homem à lua, em 1969, na missão Apollo 11, marca o fim da corrida espacial que teve início em meados da década de 1950, quando os EUA anunciaram que lançariam satélites artificiais ao espaço. Dias depois, a União Soviética informou que faria o mesmo, tendo cumprido com sua promessa, em 1957 com o lançamento do Sputnik 1. Em resposta, no ano seguinte, a administração Eisenhower criou a NASA com o intuito de planejar os passos dos americanos nessa disputa que, em grande parte, personificava o clima hostil vivido entre os dois países durante a guerra fria.

¹⁰ Em 1978, o Congresso Americano organizou uma comissão seleta (HSCA) para investigar os assassinatos de Kennedy e Martin Luther King. Naquela oportunidade, a comissão identificou o “homem do guarda-chuvas”, convocando-o para depor. Trata-se de Louie Steven Witt. Em seu depoimento, ele alegou que o guarda-chuva era um protesto solitário contra a presença do presidente em Dallas, mais especificamente contra seu pai, Joseph P. Kennedy.

A percepção de que a corrida espacial era um tema que poderia afetar o país de maneiras diversas, tanto do ponto de vista tecnológico, moral, estratégico e armamentista, veio em abril de 1961, quando a União Soviética anunciou que Iuri Gagarin havia se tornado o primeiro ser humano a orbitar no espaço. Em clara desvantagem na disputa, e não lhe restando mais a opção de ser o primeiro país a colocar um ser humano em órbita, Kennedy escreveu um memorando em que estabelecia a lua como um novo ponto de chegada para a corrida. Conforme nos conta Roger Lanius (2009, p. 96) em *Reaching for the Moon*,

em 20 de abril de 1961, ele [Kennedy] deu seguimento com um memorando a Johnson, levantando questões fundamentais sobre o projeto. Kennedy queria saber se "temos uma chance de vencer os soviéticos por... uma viagem ao redor da lua, ou por um foguete para pousar na lua, ou por um foguete para ir à lua e voltar com um homem. Existe algum outro programa espacial que prometa resultados dramáticos nos quais poderíamos vencer?"

Em agosto de 1962, em discurso proferido para uma multidão, no estádio da Universidade Rice, em Houston, Texas, Kennedy compartilhou tal ambição com o público. Naquela oportunidade, anunciou que o objetivo final dos EUA era o de levar o país à lua, o que ficou consagrado na célebre frase, "*we choose to go to the moon*".

Assim como nas outras oportunidades analisadas, em *The Umbrella Academy*, o tema da corrida espacial é construído com o auxílio de elementos fictícios, mas sem perder o contato com os eventos da história, fazendo menções a experimentos científicos típicos daquele momento. Por exemplo, Pogo, um chimpanzé falante que já havia aparecido na primeira temporada da série, é representado em uma missão espacial com destino à órbita da terra. Trata-se de uma clara referência ao macaco Ham que existiu na realidade e foi o primeiro primata a fazer uma órbita em torno da Terra e voltar vivo do espaço, em janeiro de 1961.

De qualquer modo, o tema da corrida espacial também serve para aprofundar as tensões existentes entre os países durante a guerra fria, com cenas inspiradas em filmes de espionagem, com infiltrações a lugares secretos e acesso a documentos confidenciais por parte de Cinco e Diego, o filho de número 2, que conforme nos é apresentado na série, havia chegado em Dallas em setembro de 1963.

Para além da guerra espacial, o clima tenso vivido por conta da guerra fria e o medo de uma infiltração soviética nos EUA é representado pela personagem Vanya. A filha de número sete é a penúltima a chegar a Dallas, em outubro de 1963. Logo em sua chegada, ela é atropelada por um carro, sendo socorrida e acolhida por Sissy, uma dona de casa texana, que vive um casamento infeliz. Por conta do acidente, Vanya perde a memória, sem que consiga informar sua origem, porém o seu sotaque deixa evidente que ela não havia nascido nos EUA.

Aos poucos ela e Sissy se encontram vivendo uma relação homoafetiva. Quando o relacionamento é descoberto, o marido de Sissy acaba por acusar Vanya de ser uma agente comunista infiltrada. O interessante é que a acusação não está relacionada apenas ao seu sotaque, mas também à sua conduta sexual, uma vez que, dentro da visão conservadora do sul dos EUA, o comunismo não estava associado apenas à uma ideologia política, mas à suposta decadência de valores familiares dito cristãos. Assim, ao “despertar” em sua esposa o desejo por outras mulheres, Vanya cumpriria também com o objetivo comunista de levar a degeneração moral à América e, por isso, foi presa.

Por passagens como essa é que *The Umbrella Academy* demonstra que o ponto forte da série está no drama dos personagens, seus dilemas pessoais e as crises familiares, ao mesmo tempo em que mobiliza o passado para denunciar o comportamento muitas vezes hipócrita da sociedade americana, representado, aqui, pelo moralismo sulista da década de 1960. Dessa forma, enquanto entretém boa parte do público com o uso de efeitos especiais que ilustram os poderes dos heróis, e trabalha questões morais relacionados a um tempo distante, a série avança em pautas importantes como a intolerância e o preconceito de gênero e orientação sexual, questões relevantes na atualidade. A função do passado, nesse caso, não é apenas anedótica, mas uma sátira da sociedade americana da atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da segunda temporada de *The Umbrella Academy* e sua representação da década de 1960 nos Estados Unidos nos possibilita observar um complexo entrelaçamento de narrativas de super-heróis com questões sociais e políticas. Ao explorar eventos como os direitos civis, a contracultura, a Guerra do Vietnã e o assassinato de Kennedy, a série não

apenas oferece uma revisão dramática e fantasiosa desses momentos históricos, como proporciona uma reflexão do impacto duradouro desses eventos na sociedade americana.

Ao posicionar seus personagens super-humanos em meio a essas crises, *The Umbrella Academy* ultrapassa os limites do gênero de super-heróis, trazendo ao público a oportunidade de refletir sobre temas que vão para além da história ou da trama, em direção à complexidade das relações familiares e a busca por identidade pessoal. Do ponto de vista historiográfico, a série provoca reflexões sobre como os eventos da década de 1960 continuam a influenciar o presente, destacando a relevância de revisitar as narrativas estabelecidas e a importância da memória coletiva na formação da identidade cultural e política de um país.

REFERÊNCIAS

FLORES, Josi Nicoski & MEDEIROS, Diego Piovesan. A mídia espontânea no entretenimento: um estudo de caso da série *The Umbrella Academy*. In: **Navus**, Florianópolis/SC, v. 10, p. 01-23, jan./dez. 2020.

AZEVEDO, Cecília. Forrest Gump: uma poesia conservadora. In: **Revista Tempo Amazônico**. V 3. N 2. jan-jun, 2016, p. 24-47.

CEDRO, Carmel & SPEAKMAN, Blair. An "Extra-Ordinary" Adaptation Exploring Time and Trauma in *The Umbrella Academy*. In: PIATTI-FARNELL, Lorna. **The Superhero Multiverse: Readapting Comic Book Icons in Twenty-First-Century Film and Popular Media**. Lanham: Lexington Books, 2021, p. 181 – 197.

BLOOM, Allan. **The Closing of the American Mind**. NY: Simon & Schuster, 1987.

RING, Natalie J. Jim Crow. In: STENTFORD, BARRY. *Ku Klux Klan*. In: BROWN, Nikki, STENTFORD, Barry. **The Jim Crow encyclopedia: Greenwood milestones in African American history**. Westport: Greenwood Press, 2008, p. 416 – 419.

HOLT, Thomas C. **The Civil Rights Movement: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2023.

FREEMAN, Joshua. **American Empire: The Rise of a Global Power, the Democratic Revolution at Home 1945-2000**. New York: Penguin/Viking, 2012.

POSNER, Gerald. **Case Closed: Lee Harvey Oswald and the Assassination of JFK**. New York: Anchor, 1993.

KURTZ, Michael L. **The JFK assassination debates: lone gunman versus conspiracy**. Lawrence: University Press of Kansas, 2006.

LANIUS, Roger. **Reaching for the Moon: a short history of the space race**. New Haven: Yale University Press, 2019.

Recebido em: 28/02/2024 / Aprovado em: 17/09/2024